

As festas na Povoia de Varzim

(O SEculo) 24 - 9 - 1928

estão sendo organizadas com verdadeiro entusiasmo e devem marcar pela concorrência e pelo brilho

(Do nosso enviado especial)

POVOA DE VARZIM, 23.—Hoje ha quatro reuniões para tratar da Segunda Festa Marítima Portuguesa, que val ter um brilhantismo excepcional, enchendo programas de grande emoção durante os dias 5, 6 e 7 de Outubro. São as reuniões: da comissão executiva dos festejos, a das sub-comissões da Parada marítima, da Marcha das Corporações e a da associação dos pescadores. Nesta val determinar-se como hão-de ser disputados os «Premios Pereira da Rosa» entre as grandes lanchas de pesca. Procura-se tornar a largada e a corrida ainda mais impressionantes do que o foram o ano passado—nessa primeira festa que «O Seculo» organizou e cujo exito teve repercussão em toda a parte. Ainda ontem, a um dos pescadores poveiros, que mais simpatico é á classe e que trabalha ha anos no Brasil, o sr. J. Braga, ouvimos dizer, como resposta a perguntas do grande orador dr. Vasques Calafate:

—Lá no Brasil eu escutava sempre «O Seculo». Os meus companheiros, ao lê-lo, choravam comovidos. E' que fazia «cá doer o coração» ouvir falar assim da nossa gente e dizer as verdades das «nossas justicas e dos nossos homens».

—Receblam os jornais directamente?

—Não, senhor. Eram os rapazes de cá que os mandavam aos pacotes. E lá ha-se tudo. Eu e os outros, que somos uns «cem quarteirões de gente», escutavamos com as lagrimas nos olhos. O «Seculo» deu-nos muitas satisfações ao coração...

—E este ano entra nas festas?

—Ai, não... Vou para o mar com os meus companheiros. Havemos de ir todos «botar figura».

Depois, o simpatico Braga, sobrinho do grande heroi do naufragio do «Veronese», bravo como ele, remador que andou quatro anos no salvavidas do lendario patrão Sergio, afirmou que «nenhum pescador havia de faltar á festa deles». Cumpriam um dever de gratidão e agradavam ao dr. Calafate, que é o «melhor pai que eles tiveram na vida e que merece tudo quanto ele queira.»

O «Seculo» voltará, agora, a ser lido e escutado em terras de além-Atlantico, porque, como em 1928, val colaborar na Segunda Festa Marítima Portuguesa, patrocinando-a com o mesmo entusiasmo de então e os mesmos propositos de atrair respeito e de obter regallas para os bravos trabalhadores do mar, que tanto ilustram o nome de Portugal.

«O «Seculo» tem facilitado este trabalho de propaganda porque as «Festas dos Poveirinhos do Mar» vão ser esplendidas e artisticamente espectaculosas. E' sufficiente descrever os programas e mostrá-los nos seus pormenores para se despertar a curiosidade dos leitores. A Povoia promete revestir a Festa Marítima de maior esplendor que o das Festas das Dores que não tiveram este ano, como nunca tiveram em anos anteriores, outras que as igualem.

As iluminações serão dispostas em locais diferentes dos costumados. Vão inclidir, principalmente, nos terrenos á beira-mar, desde o paredao da praia de pescada, ate o Estadio.

As ornamentações serão novas. Foram imaginadas pelo dr. Armindo Graça e serão dispostas principalmente nos largos e nas ruas mais concorridas desta praia, cuja população actual anda á roda de trinta mil pessoas, contando-se neste numero a população fixa da terra que é superior a dezassete mil ou mais.

A Parada marítima terá, no cortejo, um grupo de oito ou dez carros tipicos da

região e um acompanhamento de algumas centenas de pescadores e suas mulheres com trajos característicos da profissão.

O nosso querido amigo Vicente Areias, num impulso de generosa simpatia, lembrou-se de organizar festas cujo produto revertesse para as Casas de Jornalistas, que necessitam de verbas para o acabamento de construção de edificios proprios e que não tenham apenas o valor associativo mas o de previdencia e de socorros mutuos. Estavam nestas circunstancias, a Caixa de Previdencia dos Profissionais de Imprensa e, no Porto, a Casa de Jornalistas, onde o espirito bulçoso de Loureiro Dias tem affirmado uma tenacidade invulgar.

Esboçou-se, imediatamente, na Povoia, o desejo de realizar essas festas de maneira a torná-las relativamente rendosas. Organizou-se um «chá dansante» na explanada do forte e um espectáculo ao ar livre. Aquele realizou-se ontem e este foi transferido para domingo, 30, por melhor conveniencia de programa e a possibilidade de trazer os illustres amadores do Sport Club do Porto, que são impagaveis de graça, de destreza gymnastica e de distincção.

O «chá-dansante» teve todos os requisitos para se transformar numa festa elegantissima. A explanada do castelo, que dumina a beleza encantadora do mar da Povoia, estava ornamentada com fino gosto artistico, num conjunto como ainda se não tinha conseguido em festas identicas. Este resultado deve-se ao talento directivo do comandante Alberto Jacques e do engenheiro Alberto Vilaça, que improvisou, com tapetes de Beiriz e mantas de Terroso, um recinto em que imperava o bom gosto de disposição de côres e de «motivos». O distinto engenheiro, que radica dia a dia maiores dedicações nesta terra, dirigiu com acerto e com prontidão. Mandou fazer e conseguiu que se realizasse em poucas horas, o que noutras ocasiões levava dias a executar. O pavilhão destinado ao Jazz-Band-Alhambra—cedido gentilmente pela direcção do Casino Chinês—era de uma beleza impressionante. O engenheiro Vilaça aproveitou a maravilhosa colecção de tapetes e almofadas que o industrial Oliveira e Silva emprestou com requintes de amabilidade, fazendo transportar da sua fabrica de Beiriz, trezentas mantas e duzentos tapetes.

Dansou-se animadamente. O «bar» rendeu bastante, facto que se explica pelo bom serviço do pessoal improvisado. Dirigiram-no, com suprema distincção, as sr.^{as} D. Paulina Areias, D. Carolina Pereira, D. Virginia Amorim Alves e D. Maria José Soares de Oliveira. Serviam chá e bolos, sempre graciosas e interessantes na critica aos clientes do «bar da Imprensa», maliciosas por vezes e belas de aprumo feminino, mesdemoiselles Maria de Nazaré Lisboa, Angelica Marinho, Maria Augusta Marinho, Raquel Cunha, Maria do Céu Barros, Luisa Amaral, Ana Celeste Faria e Cunha, Maria Alice Moraes Soares, Jandira Teixeira da Silva, Maria Belem Teixeira da Silva, Edith Teixeira da Silva, Irene de Vasconcelos, Maria Amalia Vilaça, Irene Calheiros, Carolina Calheiros, Maria Calheiros e Ema Braga de Melo e Atalde.

Uma das notas típicas e alegres da festa foi a exposição de caricaturas dos elementos principais da terra e da colonia balnear, feitas pelo moço caricaturista portuense Cruz Caldas, que é um novo de talento e sabe, num relance, tirar aspectos flagrantés. Algumas das caricaturas eram modelares e isso explicou o preço que atingiram, quando foram leiloadas.